



Diego Carvalho Viana

Médico veterinário (EUMA) e Pedagogo (Centro Paula Souza), Mestre em Ciência Animal (UEMA/Campus São Luís) e Doutor em Anatomia dos Animais Domésticos e Silvestres (FMVZ/USP). É Membro da Sociedade Brasileira de Anatomia e Imunologia. É professor de efetivo de Morfofisiologia Animal do curso de Medicina Veterinária (UEMASUL), campus Imperatriz - Maranhão, Brasil.

Estatística e Diálogos Contemporâneos

A primeira sensação é a de superação, por ter conseguido reunir diversos pesquisadores, de instituições de todo o Brasil, na construção de uma obra coletiva, um projeto de difusão de conhecimento. Esta obra está profundamente vinculada a um processo de construção do conhecimento científico, que em cada capítulo aborda uma experiência de produção acadêmica que procura destacar o que os autores têm refletido criticamente. Portanto, trata-se de um conjunto diversificado de pesquisas, onde abrem-se possibilidades para questionamentos em diferentes direções.



Organizadores
Cícera Isaany Chaves Batista
Diego Carvalho Viana

Estatística e Diálogos Contemporâneos

Editora CRV

Organizadores
Cícera Isaany Chaves Batista
Diego Carvalho Viana

Estatística e Diálogos Contemporâneos



Cícera Isaany Chaves Batista

Mineira, filha de pai caminhoneiro e mãe professora, nascida em Taiobeiras-MG, residente em Linhares-ES. Empresária, Escritora, Pedagoga, Coordenadora, Professora da Educação Básica, Mestranda do programa de Ciência, tecnologia e Educação da UNIVC, Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (UFES), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica de Jovens e Adultos.

Organizadores
Cícera Isaany Chaves Batista
Diego Carvalho Viana

Estatística e Diálogos Contemporâneos

Editora CRV - versão para revisão do autor - Proibida a impressão

Editora CRV
versão para revisão do autor



Editora CRV
versão para revisão do autor

Editora CRV - versão para revisão do autor - Proibida a impressão

Cícera Isaany Chaves Batista
Diego Carvalho Viana
(organizadores)

Editora CRV - versão para revisão do autor - Proibida a impressão

ESTATÍSTICA E DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS

Editora CRV
Curitiba – Brasil
2022

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa completa: Designers da Editora CRV
Capa frente: Thiago Rabelo
Imagem de capa completa: Freepik
Revisão: Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE
Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

ES79

Estatística e diálogos contemporâneos / Cícera Isaany Chaves Batista, Diego Carvalho Viana (organizadores). – Curitiba: CRV, 2022.
220 p.

Bibliografia

ISBN Digital 978-65-251-3240-2
ISBN Físico 978-65-251-3243-3
DOI 10.24824/97865251XXXX.X

1. Educação 2. Estatística 3. Educação – diálogo 4. Ensino - universidade I. Batista, Cícera Isaany Chaves, org. II. Viana, Diego Carvalho, org. III. Título IV. Série.

2022-28488

CDD 378
CDU 378

Índice para catálogo sistemático
1. Educação - 378

ESTA OBRA TAMBÉM SE ENCONTRA DISPONÍVEL EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2022

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV
Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV
Tel.: (41) 3039-6418 – E-mail: sac@editoracrv.com.br
Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

Editora CRV - versão para revisão do autor - Proibida a impressão

Conselho Editorial: Comitê Científico:

- Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Anselmo Alencar Colares (UFOPA)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)
Carlos Federico Dominguez Avila (Unieuro)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerónimo Tello (Univer .Nacional
Três de Febrero – Argentina)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)
Elíone Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Élso José Corá (UFSF)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Gloria Fariñas León (Universidade
de La Havana – Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade
de La Havana – Cuba)
Helmuth Krüger (UCP)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)
- Altair Alberto Fávero (UPF)
Ana Chrystina Venancio Mignot (UERJ)
Andréia N. Militão (UEMS)
Anna Augusta Sampaio de Oliveira (UNESP)
Barbara Coelho Neves (UFBA)
Cesar Gerónimo Tello (Universidad Nacional
de Três de Febrero – Argentina)
Diosnel Centurion (Univ Americ. de Asunción – Py)
Eliane Rose Maio (UEM)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Fauston Negreiros (UFPI)
Francisco Ari de Andrade (UFC)
Gláucia Maria dos Santos Jorge (UFOP)
Helder Buenos Aires de Carvalho (UFPI)
Ilma Passos A. Veiga (UNICEUB)
Inês Bragança (UERJ)
José de Ribamar Sousa Pereira (UCB)
Jussara Fraga Portugal (UNEB)
Kilwandy Kya Kapitango-a-Samba (Unemat)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira (UNIVASF)
Marcos Vinicius Francisco (UNOESTE)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Eurácia Barreto de Andrade (UFRB)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Mohammed Elhajji (UFRJ)
Mônica Pereira dos Santos (UFRJ)
Najela Tavares Ujiiic (UTFPR)
Nilson José Machado (USP)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Sílvia Regina Canan (URI)
Sonia Maria Ferreira Koehler (UNISAL)
Suzana dos Santos Gomes (UFMG)
Vânia Alves Martins Chaigar (FURG)
Vera Lucia Gaspar (UDESC)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

Editora CRV
versão para revisão do autor

Editora CRV - versão para revisão do autor - Proibida a impressão

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	13
<i>Débora de Freitas Feliciano</i>	
APRENDIZAGEM DE QUÍMICA NO ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: utilizando textos de divulgação científica	23
<i>Maria Amélia Lucas Chaves</i> <i>Gilmene Bianco</i>	
A INOVAÇÃO ENQUANTO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	45
<i>Adailton Di Lauro Dias</i> <i>Franciele Jéssica Oliveira Gomes Feliciano</i> <i>Humberto Bressanelli Freire</i> <i>Vinicius Bortolini Fernandes</i> <i>José Geraldo Ferreira da Silva</i>	
A UTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO RECURSO DIDÁTICO INOVADOR NO ENSINO MÉDIO.....	65
<i>Adailton Di Lauro Dias</i> <i>Franciele Jéssica Oliveira Gomes Feliciano</i> <i>Herlon Habib Vita</i> <i>Maycon Gama Ribeiro</i> <i>Luana Frigulha Guisso</i>	
ADAPTAÇÃO DE MATERIAL PARA A EDUCAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS.....	79
<i>Lucinéia Almeida da Silva</i> <i>Sergiana Maria da Silva Pereira</i> <i>Edmar Reis Thiengo</i>	
ENSINO HÍBRIDO: as contribuições das ferramentas e recursos tecnológicos utilizados no período da pandemia na disciplina eletiva	89
<i>Luciléa de Jesus André de Oliveira</i>	
EDUCAÇÃO E COVID-19: os principais impactos e desafios enfrentados pelos professores na pandemia	115
<i>Camila Freire de Souza Amaral</i> <i>Denise Piassarolli Tavares Simões</i> <i>Soraya Amaral de Souza</i>	

A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE ITAPEMIRIM/ES: uma análise para a formação de professores	131
<i>Patricia Peçanha Roza Luns</i>	
A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM – ESTUDO DE CASO.....	143
<i>Naize Anunciada dos Santos Machado</i>	
<i>Maria Aparecida de Brito Pinto</i>	
ITINERÁRIOS FORMATIVOS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TÉCNICA: uma nova proposta de formação para o estudante de acordo com seu projeto de vida	153
<i>Denise Piassarolli Tavares Simões</i>	
<i>Camila Freire de Souza Amaral</i>	
<i>Marcus Antonius da Costa Nunes</i>	
HERMENÊUTICA JURÍDICA E CONSENSOS NAS PRÁTICAS DE SAÚDE	171
<i>Carlos Magno Alhakim Figueiredo Junior</i>	
<i>Cícera Isaany Chaves Batista</i>	
<i>Janaína de Araújo Pimenta</i>	
<i>Diego Carvalho Viana</i>	
O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS SOB UMA PROPOSTA INTERCULTURAL.....	185
<i>Poliana da Silva Ribeiro</i>	
HERMENÊUTICA FILOSÓFICA ARISTOTÉLICA E O DIREITO HUMANO AO MEIO AMBIENTE EQUILIBRADO.....	201
<i>Carlos Magno Alhakim Figueiredo Júnior</i>	
IMPACTOS DA TECNOLOGIA NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	215
<i>Vinicius Bortolini Fernandes</i>	
<i>Marcus Antonius da Costa Nunes</i>	
<i>Luana Frigulha Guisso</i>	
ANÁLISE DA QUALIDADE DE VIDA DOS DOCENTES DA UEMASUL E O CONSEQUENTE DESEMPENHO ACADÊMICO DOS DISCENTES FRENTE A PANDEMIA DA COVID-19.....	229
<i>Tatiane Silva Romão</i>	
<i>Antonio Pereira de Lucena Neto</i>	
<i>Iracema Rocha da Silva</i>	
<i>Francisco Robson Saraiva Martins</i>	

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DO ADMINISTRADOR HOSPITALAR: revisão integrativa.....	253
<i>Dehbson Carlos Batista da Silva</i> <i>Antonio Pereira de Lucena Neto</i> <i>Francisco Robson Saraiva Martins</i> <i>Iracema Rocha da Silva</i>	
INDICADORES DA PRODUTIVIDADE AGROPECUÁRIA E PARTICIPAÇÃO NO PRODUTO INTERNO BRUTO DO MUNICÍPIO DE PINHEIROS-ES	267
<i>Maria Aparecida de Brito Pinto</i> <i>Naize Anunciada dos Santos Machado</i> <i>Soraya Amaral de Souza</i>	
ÍNDICE REMISSIVO	283

Editora CRV
versão para revisão do autor

Editora CRV - versão para revisão do autor - Proibida a impressão

APRESENTAÇÃO

Um dos grandes desafios aos pesquisadores, na sociedade brasileira atual, marcada por transformações profundas, é que muitas vezes, se colocou em dúvida a função da ciência e sua credibilidade. Contudo, estudantes, pesquisadores e cientistas, são sujeitos sociais que se encontram no meio de um processo de defesa da ciência e da pesquisa, pois estão imersos nesse processo que se desenvolve em meio a lutas, tensões políticas, pandemia do covid-19, situações do curso da nossa história.

O foco do nosso olhar é amplo, dentro de um contexto de números e diálogos construídos pelos sujeitos que se uniram, apesar de vivenciarem diferentes espaços sociais, na articulação dessa obra. Por isso, os artigos aqui registrados expressam uma diversidade de diálogos que analisam diversas experiências individuais e coletivas da produção científica.

Os diferentes capítulos deste volume são constituídos de trabalhos realizados em diferentes instituições de ensino no período de abril a junho de 2022. Um grupo que se uniu com o objetivo de promover a integração e o intercâmbio acadêmico entre diferentes pesquisas e pesquisadores preocupados com uma análise crítica de diferentes problemas sociais, sujeitos que são desse movimento de transformação que se deseja para o mundo.

Por isso, alertamos os leitores que irão encontrar nesta obra, uma diversidade de visões e diferentes formas de aproximação com os problemas identificados e explorados pelos pesquisadores. Optamos por preservar e respeitar a opinião de cada autor, permitindo que o leitor entre em contato com essa dinâmica potente de produção e pesquisa.

Os temas abordados pelo grupo de trabalho são, entre outros: jogos e brincadeiras, educação especial, educação ambiental, educação matemática, ensino híbrido, educação em tempos de pandemia, divulgação científica e direito em saúde.

E, queremos agradecer a todos aqueles(as) tornaram possíveis essa obra, nosso reconhecimento aos professores do Programa de Mestrado em Educação, Ciência e Tecnologia da Universidade Vale do Cricaré, pela dedicação e empenho com que conduziram as atividades de mestrado, mesmo em tempos de Pandemia e com as dificuldades de um ensino remoto, além da discussões propiciadas pela SNCT/2021 aprovado no CNPq pelo professor Dr. Diego Carvalho Viana, da UEMASUL, que com infinita paciência, suportou boa parte da responsabilidade pela organização dessa obra. Expressamos a nossa gratidão aos empresários do Instituto Educacional Ricarda Amélia, que diretamente se envolveu na junção desse grupo de trabalho, assumindo o desafio da parte administrativa da questão.

Linhares, inverno de 2022.

Editora CRV
versão para revisão do autor

Editora CRV - versão para revisão do autor - Proibida a impressão

JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Débora de Freitas Feliciano¹

Introdução

O Ensino Fundamental – Anos Iniciais compreende a fase escolar do 1º ao 5º ano, atendendo crianças a partir dos seis anos de idade, oriundas da Educação Infantil e da educação familiar. Nessa modalidade de ensino o estudante tem acesso ao processo de alfabetização e letramento, sendo trabalhadas atividades lúdicas que têm como objetivo proporcionar o seu desenvolvimento motor, cognitivo e social.

O direito à educação está garantido na Constituição Federal de 1988, no Capítulo III, da Educação, da Cultura e do Desporto, em seu art. 205, que defende que a “educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Ainda no que rege à educação, a Constituição Federal é muito taxativa ao trazer que:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 - II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
 - III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
 - IV – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais.
- (BRASIL, 1988).

De acordo com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei 9394/96, é dever do Estado garantir o direito à educação a todos cidadãos brasileiros, em seu art. 4º traz que

1 Pós-graduanda do Programa de Mestrado Ciência, tecnologia e educação do Centro Universitário Vale do Cricaré. E-mail: feliciano_debora@hotmail.com

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, organizada da seguinte forma:

- a) pré-escola;
- b) ensino fundamental;
- c) ensino médio;

II – educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade. (BRASIL, 1996, p. 09).

O ensino fundamental foi instituído a partir da Lei 9494/96, em que, juntamente com a educação infantil e o ensino médio, passou a compor a Educação Básica no Brasil. Até o ano de 2009, o ensino fundamental era a única etapa com caráter de obrigatoriedade na educação nacional. Isso foi mudado com a Emenda Constitucional (EC) nº 59/2009, que amplia esta obrigatoriedade para 04 a 17 anos de idade. Em 2013, foi sancionada uma lei que rege que as crianças brasileiras devem ser matriculadas na educação básica a partir dos quatro anos de idade. Para atender a essa obrigatoriedade – a matrícula cabe aos pais e responsáveis –, as redes municipais e estaduais de ensino tiveram até 2016 para se adequar e acolher alunos de 4 a 17 anos.

Segundo o Ministério da Educação (MEC), as novas normas foram estabelecidas pela Lei nº 12.796, no dia 04 de abril de 2013, sancionada pela presidenta da República, Dilma Rousseff, e publicada no Diário Oficial da União no dia 05 de abril de 2013. O novo documento ajusta a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) à Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, que torna obrigatória a oferta gratuita de educação básica a partir dos 4 anos de idade. A Constituição Federal, além de estabelecer o acesso ao ensino fundamental como direito do cidadão, garante também que sua oferta como direito público deve ser destinada para aqueles que não tiveram acesso em idade regular. A LDB estabelece a obrigatoriedade e gratuidade do ensino fundamental com o objetivo de atender à formação básica do cidadão (ROCHA, 2014).

O Ensino Fundamental, garantido pelas escolas públicas, é a educação que a maioria da população acessa. A LDB, em seu art. 26, traz que os currículos do ensino fundamental e ensino médio devem ter uma base nacional comum a ser contemplada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, devendo ter uma parte diversificada que contemple as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia, contemplando as especificidades dos educandos. Este mesmo artigo ainda especifica em seu primeiro parágrafo que os currículos devem conter obrigatoriamente o estudo

da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e das relações sociais, políticas e culturais da sociedade (MOURÃO; ESTEVES, 2013).

Desenvolvimento

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 9393/96), a Educação Física escolar é uma disciplina obrigatória na Educação Básica, ou seja, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Antes disso era obrigatória apenas nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Os conteúdos envolvidos no componente curricular Educação Física estão organizados no âmbito de práticas corporais envolvendo os seis temas no decorrer do Ensino Fundamental: Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas Corporais de Aventura. As expressões corporais estão envolvidas em todos os temas, os quais podem ser desenvolvidos nas práticas de Educação Física, o que possibilita que estas práticas sejam multifacetadas em todas as esferas sociais. Neste sentido, leva sempre em consideração as características específicas dos sujeitos, os contextos nos quais estes estão inseridos, e as diferentes manifestações corporais e culturais locais.

A ludicidade deve ser sempre estimulada, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas aulas práticas de Educação Física, pois isto contribui para a aprendizagem por meio do prazer, bem como para a autenticidade através de coisas que os alunos conhecem, ou seja, considera o conhecimento prévio que estes trazem (BRASIL, 2018).

Neste sentido, é necessário construir metodologias para garantir que os estudantes desenvolvam a ampliação da consciência a respeito dos próprios movimentos corporais e produzir movimentos que permitam o autoconhecimento, o cuidado consigo mesmo e com o próximo. Desta maneira, o estudante adquire a capacidade de desenvolver a independência para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em várias situações inerentes à atividade humana. Nas séries iniciais do Ensino Fundamental, os estudantes se encontram em uma faixa etária na qual já têm modos próprios, com vastas experiências pessoais e sociais, além da sua infância já ter uma influência cultural da comunidade local (VASCONCELOS, 2012).

Podemos considerar que ao chegar à escola, as crianças trazem algum conhecimento sobre o corpo e o movimento. O fato de conviver, brincar ou explorar diversos espaços, faz com que elas já conheçam muitos jogos e brincadeiras. Mas mesmo com poucas experiências desse tipo, elas podem viver

novas situações de desafios corporais na escola. A formação cultural tem um caráter lúdico, e o conceito de jogo deve estar integrado ao conceito de cultura. Diante do exposto, o jogo pode ser considerado um fenômeno cultural, tendo uma representação consideravelmente importante na formação do ser humano. Por esse motivo, o jogo exerce um papel de extrema relevância na área do desenvolvimento cognitivo, constituindo-se uma forma mais natural de o educando entrar em contato com sua realidade.

O jogo é, por excelência, integrador. Há sempre um caráter de novidade, o que é fundamental para despertar o interesse e estímulo do educando, na medida em que se conhece melhor, construindo interiormente o seu mundo. É fundamental no jogo que o educando descubra por si mesmo e, para tanto, o educador deverá oferecer situações desafiadoras que motivem diferentes respostas, estimulando a criatividade e a descoberta, levando-o à reflexão-ação-reflexão. Sendo o brincar fonte de lazer, simultaneamente caracteriza-se como fonte de conhecimento; é esta dupla natureza que nos leva a considerar o jogar e brincar parte integrante da atividade educativa.

A educação lúdica é uma ação inerente na criança e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutações constantes com o pensamento coletivo. (ALMEIDA, 1995, p. 11).

Portanto é primordial no processo pedagógico a utilização das brincadeiras e dos jogos, pois os conteúdos podem ser ensinados por intermédio de atividades predominantemente lúdicas. O brincar, que historicamente vem sendo denominado como uma simples movimentação física e mental, tornou-se objeto de estudo, sendo considerado como uma das fontes inesgotáveis de investigações e descobertas, ao lado de outras necessidades vitais da criança.

Kishimoto (1999) indica a diferença entre o jogo e o material pedagógico, fazendo uma análise sobre o fato de que o jogo educativo é utilizado realmente como jogo ou ele é simplesmente um recurso para o alcance de um objetivo. Nas suas palavras:

[...] se brinquedos são sempre suportes de brincadeiras, sua utilização deveria criar momentos lúdicos de livre exploração, nos quais prevalece a incerteza do ato e não se buscam resultados. Porém, se os mesmos objetos servem como auxiliar da ação docente buscam se resultados em relação à aprendizagem de conceitos e noções. Nesse caso, o objeto conhecido como brinquedo não realiza sua função lúdica deixa de ser brinquedo para se tornar-se material pedagógico. (KISHIMOTO, 1999, p. 78).

O jogo é um recurso pedagógico de muita relevância no contexto cultural e biológico. É uma atividade livre, alegre, que engloba uma significação. É de grande valor social, oferecendo inúmeras possibilidades educacionais, pois favorece o desenvolvimento corporal, estimulando a inteligência, contribuindo para a adaptação ao grupo, preparando a criança para a vida em comunidade, para a participação e questionamento dos pressupostos das relações sociais estabelecidas pela sociedade na qual estamos inseridos (LIMA, 2015). O lúdico é um instrumento de desenvolvimento da linguagem e do imaginário, vinculado aos tempos atuais como um meio de expressão de qualidades espontâneas ou naturais da criança, um momento adequado para observar esse indivíduo, que expressa através dele sua natureza psicológica e suas inclinações.

Tal concepção mantém o jogo à margem da atividade educativa, mas sublinha sua espontaneidade. Ainda, segundo Kishimoto (1999, p. 115), “se o objetivo é formar seres criativos, críticos e aptos para tomar decisões, um dos requisitos é o enriquecimento do cotidiano infantil com a inserção de contos, lendas, brinquedos e brincadeiras”. Huizinga (1990) define jogo como uma atividade de ocupação voluntária, exercida dentro de determinados limites de tempo e espaço, seguindo regras livremente consentidas, mas obrigatórias, sendo dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentido de tensão, de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana.

Uma das características do jogo é a oportunidade de ser, sentir e fazer-se livre. Outra característica é que o jogo não é vida “corrente”, nem vida “real”; trata-se de evasão da vida “real” para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. Toda criança sabe perfeitamente quando está “só fazendo de conta” ou quando está “só brincando”. A criança constrói os próprios percursos e cria seus espaços dentro de uma temporalidade irrestrita, traçada espontaneamente. É o que deduz Huizinga (1980, p. 11):

O jogo distingue-se da vida “comum” tanto pelo lugar quanto pela duração que ocupa. E esta é a terceira de suas características principais: o isolamento, a limitação. É “jogado até o fim” dentro de certos limites de tempo e de espaço, possui um caminho e um sentido próprios.

Ou seja, mesmo sendo um jogo, um recurso que busca a diversão, o lazer, a motivação para uma atividade, há limites a serem respeitados tanto de tempo como de espaço. O brincar é a atividade predominante na infância e vem sendo explorado no campo científico com o intuito de caracterizar as suas peculiaridades, identificar as suas relações com o desenvolvimento e

com a saúde e, entre outros objetivos, intervir nos processos de educação e de aprendizagem das crianças, como relata Kishimoto (2007).

Sendo assim, como ponto crucial do desenvolvimento humano, o brincar precisa estar presente nas aulas de Educação Física – não somente a prática de esportes e atividades para o desenvolvimento motor, mas também para o desenvolvimento social e cultural da criança. Diante dessa linha surge a importância do resgate de brincadeiras antigas, que são funcionais e promovem o desenvolvimento físico, motor e emocional dos alunos.

Santos (2000) defende que o momento da brincadeira é uma oportunidade de desenvolvimento para a criança. Por meio do brincar ela aprende, experimenta o mundo, possibilidades, relações sociais, elabora sua autonomia de ação e organiza emoções. No entanto a ideia muitas vezes divulgada é a de que o brincar seja somente um entretenimento, como se não tivesse outras utilidades mais importantes. Por meio da ludicidade a criança começa a se expressar com maior facilidade, ouvir, respeitar e discordar de opiniões, exercendo sua liderança e sendo liderada, compartilhando sua alegria de brincar. É brincando também que a criança aprende a respeitar regras, a ampliar o seu relacionamento social e a respeitar a si mesma e ao outro, como pondera Ferreira (2006).

Para Araújo (2004), em um de seus estudos, é através do jogo que a criança compreende o mundo à sua volta e aprende regras. O jogo é uma forma de a criança se expressar, já que é uma circunstância favorável para manifestar seus sentimentos, de modo que o brinquedo passa a ser a linguagem da criança. Sendo assim, o brincar é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil, na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados.

A criança se desenvolve por meio da interação com outras crianças e, para isso, o brincar se torna essencial para o processo de desenvolvimento. Assim, é necessário entender a infância enquanto uma construção histórica. Neste sentido, o poeta Pablo Neruda afirma que “criança que não brinca não é criança. Adulto que não brinca perdeu para sempre a criança que existe dentro dele”. Na literatura, muitos são os estudiosos da infância que destacam a relevância do brincar para o desenvolvimento e socialização da criança. Seus estudos contribuíram para que o brincar passasse a ser relacionado ao desenvolvimento e à formação da criança (KISHIMOTO, 1999).

Podemos afirmar que as brincadeiras estão relacionadas à cultura e não se dão de forma isolada. Por isso fazem parte de um contexto social e trazem em si a reprodução das relações sociais estabelecidas em determinada sociedade. Deste modo, não são isoladas do mundo e das coisas. A criança entra em contato com um mundo externo e brinca com fragmentos dele, investindo-os

com elementos oníricos de seu mundo interno, criando um mundo próprio que dialoga com a cultura. O brincar é uma atividade entre mundos; não se dá entre pessoas e objetos isolados (BENJAMIM, 2002).

De acordo com Sekkel (2016, p. 91), “um mundo é um universo de significados que tem um contexto em que estão presentes sentimentos, anseios, valores, fantasias”. As crianças, ao realizarem o exercício da brincadeira, estão conectadas a este universo de significados e principalmente de valores. Na brincadeira, também é possível identificar questões de valores expressos nos sujeitos, considerando que as crianças, na maioria das vezes, reproduzem os adultos, inclusive no momento das brincadeiras (casinha, professor, carrinho, bonecas etc.). Benjamin (2002) expressa isso quando afirma que a brincadeira é um diálogo da criança com o povo. O brincar é esse espaço de conjunção de mundos, em que outros mundos se criam.

Com o avanço das tecnologias, cada vez menos as crianças brincam de forma funcional, deixando de experimentar situações cruciais para o seu desenvolvimento socioemocional. A infância modificou-se ao longo do tempo e alguns estudiosos passaram a olhar para o brincar como parte fundamental do desenvolvimento integral da criança – por isso o brincar tem contribuições históricas para a elaboração de políticas públicas para a Educação Infantil.

A retomada de jogos e brincadeiras nas aulas de Educação Física é uma ação de grande relevância, pois se torna um meio de estimular, analisar e avaliar aprendizagens específicas dos alunos. O professor, ao trabalhar com o lúdico, motiva interesse e satisfação, trazendo à luz sentimentos e emoções que estão intimamente ligados à afetividade. Estes são elementos extremamente importantes no processo de ensino-aprendizagem, construção do conhecimento e desenvolvimento social e cultural do sujeito (XAVIER, 2014).

Conclusão

Considerando que todas as crianças aprendem por diversos meios, como a família, amigos ou pela televisão, jogos ou brincadeiras que envolvem movimentos, é importante que o professor de Educação Física crie oportunidades para que elas possam compartilhar essas experiências com os colegas. Também, é interessante nesta fase possibilitar que as crianças conheçam seus limites e possibilidades para estabelecer as próprias metas, sendo importante a organização de jogos, brincadeiras e outras atividades lúdicas. Desta forma, podemos afirmar que a prática docente do profissional de Educação Física, com ênfase apenas no esporte, habilidades motoras ou capacidades físicas, hoje deve ser repensada e ressignificada, pois somente esses enfoques

não garantem a formação integral do estudante com vistas à sua atuação na sociedade. Neste sentido, aprender somente a técnica do esporte não basta; é necessário compreender suas regras, respeitar o colega, jogando com ele e não contra ele.

Neste sentido, percebemos a necessidade de o professor de Educação Física interagir com o aluno, sendo que este deve estar preocupado em apresentar possibilidades para uma aprendizagem mais eficiente e divertida, colocando-se neste processo enquanto fator potencializador e facilitador da aprendizagem, negando a postura de um professor autoritário, trazendo as brincadeiras tradicionais para o interior da sua aula, fazendo um bom uso destas, considerando que são acúmulos culturais da sociedade. Portanto o trabalho com o resgate dos jogos e brincadeiras nas aulas de Educação Física é algo que deve ser explorado pelo professor, não só nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas também nos anos finais, buscando promover uma aprendizagem significativa, possibilitando avaliar os alunos em uma gama de relações sociais.

Editora
versão para revisão

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. Brasiliense: São Paulo 1987.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 2004.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20/12/1996**. Lei de diretrizes e bases da Educação (LDB). Brasília, 1996.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Tradução: João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

LIMA, E. M. F. **Os brinquedos populares no Ensino Fundamental: o resgate das brincadeiras populares**. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física Escolar) – Universidade Federal de Campina Grande, 2015.

MOURÃO, L.; ESTEVES, V. V. Ensino Fundamental: das competências para ensinar às competências para aprender. **Revista Ensaio. Aval. Pol. Públ. Educ.**, v. 21, n. 80, p. 1-10, 2013.

ROCHA, I. L. **Ensino Fundamental no Brasil** – Uma análise da efetivação do direito a educação obrigatória. Universidade Federal de Alagoas, 2014. Disponível em: https://anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT1/GT1_Comunicacao/IdnelmaLimadaRocha_GT1_integral.pdf. Acesso em: 24 mar. 2022.

SANTOS, G. A. P. **Brincar como construção social**. 2019. Disponível em: <https://www.ipabrasil.org/post/brincar>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

SEKKEL, M. C. O brincar e a invenção do mundo em Walter Benjamin e Donald Winnicott. **Revista de Psicologia USP**, v. 27, n. 1, p. 1-10, 2016.

VASCONCELOS, M. C. A. **A prática da Educação Física no Ensino Fundamental da Rede Pública da cidade de Mossoró, RN**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Instituto de Educação. Lisboa, 2012.

XAVIER, C. R. R. Professor de Educação Física no Ensino Fundamental: saberes, concepções e sua prática docente. **Revista Pensar a Prática**, v. 17, n. 2, 2014.